

“Congelamento se tornará velho e irrelevante”

por Paulo Sotero
de Washington

Ninguém deve esperar por um anúncio do governo indicando o dia que o congelamento de preços será suspenso. “O congelamento desaparecerá gradualmente. Ele ficará velho e se tornará irrelevante”, disse ontem, em Washington, o diretor da Dívida Pública do Banco Central (BC), André Lara Resende, ao fazer um balanço sobre os resultados iniciais do Plano do Cruzado para uma plateia de economistas, executivos de bancos e funcionários de governos e de organismos internacionais, reunida no Instituto de Economia Internacional (IIE), um centro de pesquisa privado.

Num tópico diferente, Pêrsio Arida, o novo diretor da Área Bancária do BC, deu uma importante indicação sobre a forma como o governo pretende promover a adaptação do sistema financeiro do País à nova situação criada pelo Plano do Cruzado afirmando que “a expressão reforma monetária não é apropriada” para descrever as mudanças que estão sendo consideradas. (Ver página 18)

Para Lara Resende e Arida, a exposição que fizeram ontem no IIE foi, certamente, um momento gratificante. Em dezembro de 1984, quando eram professores da Universidade Católica do Rio de Janeiro, eles apresentaram, num seminário promovido pelo instituto, uma ousada proposta de reforma monetária baseada na teoria da inflação inercial, que se acabaria tornando a pedra fundamental do Plano do Cruzado. Apelada de “Larida”, a proposta dividiu os economistas, na época, uns a consideraram uma idéia instigante.

Outros afirmaram que

ela não passava de uma fantasia bem concebida por dois economistas jovens (eles tinham 32 anos, e n t ã o) e b e m - intencionados, para substituir o remédio amargo do ajustamento ortodoxo rejeitado pelo Fundo Monetário Internacional (FMI). Mesmo entre os mais críticos, porém, ninguém conseguiu encontrar argumentos para invalidar a proposta “Larida”. Em março de 1985, o IIE endossou a teoria da inflação inercial e publicou a proposta dos economistas brasileiros, numa brochura que abordava, também, os casos da Argentina e de Israel — dois países que, como o Brasil, enfrentavam inflação de três dígitos e tinham um sistema de indexação.

Ontem, o diretor do IIE, Fred Bergstein, festejou a volta de Lara Resende e Arida com um almoço e recebeu deles o reconhecimento pelo papel que o IIE teve na divulgação da proposta heterodoxa da reforma monetária.

A pergunta mais envenenada feita pela plateia partiu de Bruce Juba, o funcionário do Departamento do Tesouro encarregado de monitorar a economia brasileira. “Até agora, você conseguiu evitar uma greve geral dos trabalhadores. Mas, por causa da política de câmbio e do congelamento, o governo corre o risco de uma greve geral na produção, que provocaria a escassez. Há, também, dúvidas sobre se o governo adotou as medidas adequadas de controle do déficit público e está monetizando o déficit”, afirmou o funcionário.

Lara Resende respondeu dizendo que o governo reconhece que “existe algum risco” no congelamento. Mas afirmou, também, que não há nenhum sinal de escassez generalizada de produtos no mercado.